

Estado não atende migrantes

Arquivo AT

O governo do Estado não tem dados sobre quantos migrantes chegam à capital diariamente, pois não existe um órgão que dê assistência especificamente a esse pessoal. Se as pessoas que chegam constantemente de outros estados necessitarem de apoio, terão como único contato os serviços sociais das prefeituras municipais e do Estado.

Acontece que, nesses serviços, também chegam aqueles imigrantes que se transformam em mais um problema para a região da Grande Vitória, os mendigos. Tanto o Centro de Triagem Municipal (CTM) quanto o Plantão Integrado de Ação Social (Pias) — ligado à Secretaria do Bem Estar Social (Sebs) — oferecem serviços sociais, jurídicos e médicos à população carente da Grande Vitória, do meio rural e de outros estados.

A maior parte dos migrantes que recorrem a esses órgãos o fazem como último recurso. Muitos deles estão perdidos pelas ruas da cidade, sem documentos ou dinheiro, contribuindo para aumentar o índice de mendicância na cidade. São pessoas como João Batista Sena, natural de Natal, no Rio Grande do Norte, que veio para Vitória com o objetivo de trabalhar como cozinheiro no Hotel Porto do Sol de



Gurgel: só promessas

Guarapari, na época de sua inauguração. Depois de algum tempo, adoeceu e não pôde assumir a função, passando a fazer biscates.

MENDICÂNCIA

Depois de várias intervenções cirúrgicas e internamentos constantes em hospitais, Sena desistiu de “trabalhar seriamente” e passou a viver como mendigo. “É a maneira mais fácil de se sobreviver hoje em dia. Tenho meus ami-

gos e faço o que quero. Quando preciso de alguma coisa, procuro um centro de atendimento, onde recebo alimentação, tratamento médico e um lugar para dormir de vez em quando. Por enquanto está muito bom viver assim, e não quero voltar mais para Natal, pois lá minha família me obrigaria a trabalhar”.

Segundo a assessora da Secretaria de Bem Estar Social, Teresa Camata, os plantões de atendimento

Os serviços só assistem aos migrantes que, sem trabalho, viram mendigos

eram realizados pela Ucis, LBA e Sebs, e posteriormente foram unificados no Pias, órgão que atualmente oferece todos os serviços necessários. Entretanto, não há como precisar o número exato de pessoas que chegam de outros estados, pois eles se misturam a todos aqueles que procuram a assistência do órgão.

Grande parte dos migrantes que procuram o Pias o fazem por precisarem de documentos para se empregarem, ou porque se encontram em estado de mendicância. “Todos que chegam aqui são ajudados, dentro do possível. Fornecemos os documentos necessários, como carteira de trabalho, carteira de identidade e outros mais. Aquelas que foram assaltadas ou que não conseguem emprego no Estado, encaminhamos ao Centro de Ajustamento Social, em Carapina, onde recebem serviços médicos, recuperação, e um local para pernoite até providenciarmos as passagens de volta aos seus estados”, frisa Teresa Camata.

“Em busca de uma vida melhor”

A história já é velha e faz parte da própria história do povo brasileiro. É grande o número de pessoas que saem de sua terra natal, deixam tudo para trás e partem em busca de melhores condições de vida. E quase sempre sem resultados positivos. Esse é o caso de Léo Cirino Peixoto e de Maria Clara Nindoura Peixoto, do Rio de Janeiro, que vieram para Vitória há cerca de cinco meses a fim de “tentar outra vida”.

Léo e Maria Clara, com dois filhos “e mais um ainda por vir”, se encontravam na rodoviária de Vitória meio desolados, tentando voltar ao Rio de Janeiro, mais precisamente Caxias do Sul. Vieram para o Estado no final de julho deste ano, pois souberam, através de amigos do Rio e de um primo que mora em Flexal II, que era fácil

conseguir “trabalho honesto” no Espírito Santo. Arrumaram as malas e vieram para a capital.

ANDANÇAS

“A vida não era tão má assim. Dava para a gente comer e estávamos começando a construir alguma coisa. Mas, você sabe como é, né? A gente ouve falar tanto, dá uma coisa meio esquisita dentro da gente que não dá para segurar. O jeito é ter coragem e sair andando, procurando carregar tudo o que for possível”, diz Léo, que trabalhava como camelô nas calçadas do Rio. Maria Clara cuidava das crianças e lavava “uma ou outra” trouxa de roupa para fora.

Segundo Léo, aconteceu “de tudo” com eles. Logo que chegaram a Vitória, foram morar em Flexal II, em Cariacica, na casa do

primo. “Nem gosto de dizer o nome do cachorro. Ele prometeu muita coisa pra gente e não resolveu nada. Só sabia beber e gritar com todo mundo. O cachorro nem trabalha e é a mulher dele quem sustenta a casa. E eu que tirei toda a minha família de lá, que, se não estava bom, dava para o gasto.”

Depois de algum tempo tentando encontrar trabalho, percorrendo diversas empresas e o Sistema Nacional de Emprego (Sine), Léo concluiu que “não dava mais pé”. Conseguiu dinheiro com os poucos amigos que fez em Flexal e embarcou ontem de volta ao Rio de Janeiro. “Só não sei se vou conseguir minha casinha de volta, que já deve estar com outra pessoa. Vou começar tudo de novo, e se der algum resultado prometo te procurar”.